

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE—N.º 731

23 DE FEVEREIRO DE 1920

20 cent.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00 "
Ano 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Sacramento, 43 — LISBOA

FICA SEMPRE DELICADO,
— ENCANTADOR —
COM UM TOM DELICIOSO DE
FRESCURA
O ROSTO QUE USA O

"LEITE DE ROSAS"

FINISSIMO PÓ D'ARROZ LIQUIDO
EGUAL AOS MELHORES
DO EXTRANGEIRO

CADA FRASCO 1\$45
Frasco d'amostra \$60

À VENDA EM TODO O PAIZ

CREAÇÃO ORIGINAL
DE GRANDE SUCESSO

DA

«PERFUMARIA DA MODA»

5, Rua do Carmo, 7 < < LISBOA

Vêr na proxima quarta-feira o **Suplemento de Modas & Bordados** (Do SÉCULO). Preço 4 centavo

Grande Descoberta

PROCESSO MODERNO DE REJUVENESCIMENTO

PELA DESCAMAÇÃO

FICA-SE MAIS NOVA 10 ANOS, SEM RUGAS
E COM A PELE LIVRE DE QUALQUER DEFEITO COM UM
TRATAMENTO DE 8 DIAS.

Resposta mediante estampilha

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23

TELEFONE 3641 C

Menstruação

Com as menstruais reg.¹

Aparece e sem inconveniente no
mais curto espaço de tempo dada a
sua origem tónica e reconstituente se-
ja qual for o caso que se empregue.
Resultados garantidos.

Caixa com instruções 2\$50 e cor-
reio 2\$00, Lab. e Depósito: V. Ferrão,
L. da Saúde, 14. — Quintas, R. da
Prata, 191. — Azevedos, Rocio, 31. — Net-
to Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDEN



Tudo esclarece
passado e presente
prediz o futuro.

Garantia a todos
meus clientes: o
pleia veracidade
consulta ou reem-
do dinheiro.

Consultas toda
dias uteis das 12
horas e por corres-
pencia. Enviar 15 ce-
tavos para respos-
ta.

Calçada da Patri-
cal, n.º 2, 1.ª, Esq.
mo da Rua d'Aleg-
predio esquina).

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 731

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1920

20 Centavos

CRONICA

CONDECORAÇÕES

De vez em quando os altos poderes publicos, detentores das graças a conceder aos privilegiados, abrem a respectiva torneira e salve-se quem puder, de uma inundação de condecorações.

Ouve-se dizer:—Aí vai a comenda de S. Tiago! e raros escapam à benevolência, nem sempre feliz na escolha, como aconteceu na penultima cheia, a julgar pelo numero de renuncias dos que ou não se julgaram dignos da mercê—hipotese pouco provavel—ou acharam que os companheiros o não eram, e n'este caso repeliam uma igualdade que só officialmente era reconhecida.

Fechou-se então a torneira, mas a fonte não secou, antes dentro em pouco foi necessario dar novamente vão, mas agora só se regista nma renúncia: a de Afonso Lopes Vieira, poeta illustre entre os mais illustres, sem que a recusa tenha qualquer dos fundamentos apontados; o agraciado, grato aos propósitos de quem o agraciou, julga dever de todo o cidadão contribuir com os maximos esforços de que disponha, para o engrandecimento do nome português, trabalhando cada qual o melhor que possa, sem jus a distincões. A carta, que veiu publicada n'alguns jornais, e em que o literato expõe os motivos do seu honrosissimo procedimento, vale bem uma das suas mais brilhantes estrofes.



DELICADEZA

Não estamos muito habituados a que os estrangeiros nos tratem com cortezia, por isso não é ocioso regista-la, quando por acaso se manifesta. Esperança Iris, que nos deixou ha poucos dias, espantou uma d'essas excepções: dedicou a sua recita de honra aos actores portuguezes e o espectáculo de quinta feira passada aos criticos teatraes dos diarios da capital, revelando n'estas circumstancias um tacto de pessoa muito inteligente e escrupulosa, porquanto encerrando com ele a série das suas representações, os mal intencionados, que em toda a parte abundam, não podem dizer que ela assim procedesse para conquistar a benignidade da imprensa. Como corresponderam os obsequiados a semelhantes atenções? Com a gentileza devida á artista e á mulher; os ultimos, ao que sabemos, ofereceram um almoço a Esperança Iris e n'ele pronunciaram palavras que a devem ter sensibilizado, os primeiros entregaram-lhe um album, com as assinaturas de todos os artistas dos teatros de Lisboa. De todos, repetimos, para que se veja que não passam de triste fantasia



as afirmações de que alguns deixaram de assinar o album, sob pretexto que só podiam significar um desprimor, que a não atingiria, mas sim a quem a cometesse.

PROIBIÇÕES DE IMPORTAÇÃO

E' raro o documento official produzido para remediar o estado precario do paiz, que não provoque elogios, pela intenção, e que, em seguida á publicação, não tenha de sofrer emendas importantes. E' o que vai acontecer com o decreto acerca das importações, é o que aconteceu com o das sobretaxas aos direitos de entrada e de saída e a tantos outros que continuamente se promulgam á pressa, com a urgencia com que se procura calafetar o rombo de uma barcaça em perigo, onde entra a agua por todos os lados. Feita a calafetagem, reconhece-se dentro em pouco que foi insufficiente, que se preparou e applicou atabalhoadamente, tornando-se necessario reforça-la e algumas vezes substitui-la completamente; e como, enquanto o aperfeiçoamento se não completa, a agua continua a invadir a barcaça, é licito aconselhar menos precipitação no concerto...



CARNAVAL

Diz-se sempre, terminado o Carnaval, que foi a ultima palavra da samsaboria e acrescenta-se que os anteriores decorreram muito mais divertidos, quando a verdade é que uns e outros não são tão desengraçados nem tão animados como se pretende e que tais opiniões são apenas um efeito de optica: os defeitos, que perto avultam, esbatem-se ou desaparecem, quando vistos de longe.

No emtanto, por mais que filosofemos, a verdade é que o Carnaval d'este ano excedeu a todos os outros em insipidez, aqui como lá fora, pois que, segundo se lê nos jornais estrangeiros, a mesma tristeza se notou em toda a parte. As causas são obvias, mas é muito de recer, pelo que nos diz respeito, que o comedimento de que demos indício durante estes tres dias destinados á folia, não signifique um firme proposito de emenda, de juizo para o futuro; pelo contrario, pode ter sido um curto interregno, a preceder dias e dias de desvairamento. Quem sabe se a quarta feira de Cinzas não marcou a continuação de um Carnaval, que se interrompeu por tres dias apenas!



Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

LENDAS DE por Sousa Costa



— Pronto. Vamos ao 'fiab'.

E às dez horas, sob um céu que era... nem mais nem menos uma abobada de setim novo, de lis a lis aguçada do azul translúcido das ondas mediterrâneas—tão claro que se refugia e tão doce que delicia—o 'fiab' arla e roda estrada lisa. Não sabe por Bolognese. Desde na inventada da república, levemente acidentada que demora entre os calcários lúvos da costa e os gramíneos simplices da montanha—de que Monchique, o marco do visor de Portugal e dos Algarves, é a capotele



stava destinado que avigem de Loulé a Silves se faria pela linha férrea. Mas a intolerância gentil do sr. José Pereira, lonjano de sangue irrequieto, protestou contra a rigidez despótica das parafusadas de via-larga, impo-nendo a liberalidade oblícuo de seu 'fiab'.



SILVES



SILVES—Um aspecto do Castelo

culmine, grav: nas suas altitudes, rico nas seus avoreados, elevado nas suas cascatas.

Eu já havia observado o cultivo amoroso de toda a terra algarvia. É uma lição de produtividade útilíssima esse país solheiro de lendas e aneddotas—onde julgava ir encontrar o berçário fiel do mocho africano, embutido no feiço do algarve, caçado na liga seja das babuchas, enocendo o figo e a amendoeira cobidos sem esforço. É a mais sugestiva solução do problema da vida, trabalho e continuidade igual à felicidade, esse rico povoado de hortas e pomares—onde se encontram o descomunal legítimo das tribus laboriosas de Gales, onde se vê a mulher descalça e ociosa a espelhar a prole e a catar o erro no vishnu, onde deviam ser levadas, anualmente, em rousões à Se-

nhora da Actividade, as densas populações luti-las.

All mesmo, no solo aspero do barrical, em que os achados argilinos, em blocos enormes, se multiplicam e justapõem, all mesmo o algarvio dá à terra cultivada de amarrado. E nos pontos em que o achado mais pedregoso, arranca os blocos do seu alveolo, como quem arranca dentes curiados—e parece de facto que uma carie horrível os corroe e apodrece—empilhados nos cinzeiros escuras, e no solo liberta acomoda o trigo e a fava, acucina a figueira e a alfarrobeta.

O carro de mão, agora veioz e suave, no soldo leve de um peão mecânico em movimento, para o regaço de calçado vale. Remques de pedras, à margem da estrada, lembram coveiras, fennas, espri-



SILVES.—1, A Cruz de Portugal.—2, Igreja de St. I. (lado ocidental)—PANDIANGA

DE SILVES — (lado oriental)



nhas dorsais. O motor agita-se, torna a palpitar, rasgando o declive de uma subida — e Alte aparece-nos pouco depois, debruçada da espádua fértil d'um monte. Corta-a um ribeiro espumoso, que se precipita, em cachoeiras e cascatas, por colinas em que vicejam primícias. E o ruído sonoro da água tumultuosa, e a gravidade afável das colinas amanhadas decifram-me o segredo do lirismo enternecido e profundo de Candido Guerreiro, filho illustre d'aquella burgo alcançado nos montes, embalado pelas águas, temperamento máximo de artista e de poeta.

Atravessamos uma ponte, sobre cachoeirafervent, inclinamos á esquerda, na rota de Silves.

Em silencio, olhos fitos nos campos, na melancolia opulenta das alfarrobeiras e na nudez araquenidia dos figueiraes, anticipo-me ao carro, vôo até Silves, mergulho na fonte viva das suas lendas de mouras encantadas, na tradição legendaria da sua riqueza e do seu heroismo antigos.

Revejo a Chelbes dos walís, a segunda das grandes cidades peninsulares. Diante de mim desdobram-se as salas do seu Sharadjib, do seu palacio real «cheio de leões e de soberbas beldades», ao que nos diz Motamid, o poeta rei seu cantor, o que nasceu em Beja, reinou em Sevilha e acabou prisioneiro em Marrocos. Dos seus tetos de larice pendem lampadarios de ouro e cristal. Emolduram-no jardins de murta e laranjeiras, romansais e palmares. E as



ALTE.—Moinho da levada

(Cliché do sr. Joaquim Nogueira).

«soberbas beidades», sultanas e odiliscas, em tunicas de brocado, seguidas de escravas queimadas a essencia de lebouah, cantadas por poetas tangendo as cordas do mihazor, cruzam com os guerreiros do Ghaah e os envidos do Yemen, com alfanges de Damasco e lanças do deserto.

Atravez da minha retina desfila a corte senhoral dos seus poetas—de ricos turbantes emplumados, de soberbos albornoses de seda e ouro. O primeiro, Ibn-Ammar, simultaneamente guerreiro e diplomata, tão diplomata que conseguiu o divorcio de Afonso VI de Castela com Constança de Borgonha e o seu casamento com Zaida, filha de Motamid. Vem a seguir Ibn-Badrudrum, aquelle que em 570 da Hegira escre-





ALTE.—Fonte grande

(Cliché do sr. Joaquim Nogueira, cedidos pelo sr. dr. Candido Guerreiro, de Loulé).

veu a «Concha de Perolas». A poetisa Mariam, mais tarde professora de literatura e rétorica em Sevilha e Cordova. Ibn-Omar, o contemplativo e o agitador. Ibn-Kassi, o inimigo da civilização bárbara dos almohades do norte de Africa—o que preferiu pactuar com Afonso Henriques, o cristão, a entregar-se a Al-Masufi, o berbére.

Sem um solavanco, o «Fiat» zumba por entre os maciços de arvores das hortas de S. Bartolomeu de Messines. Evoco a figura heráldica de Ibn-Kassi, o seu horror pelo mouro brutal, a sua transigência com o lusitano ameaçador—e logo se me apresenta no espirito o papel de Silves na época da reconquista.

Silves atacada e tomada por D. Fernan-

do Magno de Castela e Leão—em seguida retomada pelos antigos senhores islâmicos. Silves conquistada aos árabes pelos mouros de Masufi, revoltando-se contra o barbarismo dos almohades á voz messiânica de Ibn-Kassi. Silves, caindo sob o ferro de D. Sancho I, a quem os cruzados de Walardingen auxiliaram no subido feito—e as suas muralhas vomitando pelouros incandescentes do bojo dos troncos mouriscos; e os seus guerreiros, no curuto dos cubelos, brandando o «Allah-huachar» das investidas belicosas; e as suas odaliscas, de braceletes «que sem elhavam a lua em seu crescente» e cujos corpos tinham a esbelta flexibilidade dos ramos dos salgueiros, a carpír-se e a tremer nos reconcavos sombrios; e os homens de

armas do norte, flamengos e normandos, e os cavalleiros lusitanos, minhotos e beirãoes, de maças e mosquêtes, de aríetes e fundas a abaterem e a assaltarem os muros fervilhantes.

Foram essas luctas de exterminio, com morticínios, violações e saques, a origem dos encantamentos de mouras e mouros—mouros fugidos ao vendaval da chacina, para sempre perdidos do lar e dos filhos; mouras que se extraviaram dos alcazares de marmore nos fundos subterraneos, nos êrmos fragmentos, separadas perpetuamente dos noivos e dos namorados. Por isso Silves, tantas vezes tomada e retomada pelas armas, tão revolvida pelo saque e pela matança dos cruzados de



ALTE.—Queda do Vigarão



ALTE.—Entrada da povoação

(Clichés do sr. Joaquim Nogueira)

D. Sancho, ás lendas da sua grandeza politica, reúne muitas lendas de mouros e mouras encantadas.

Entre todas, na marcha veloz do automovel, paira sobre mim, desdobra-se e dilue-se a da moura da cisterna, encravada no solo, ao alto da cidadela, no monte de Almedina, vasta como um templo, abrangendo cinco naves sustentadas por quatro ordens de possantes colunas. Em baixo a água, no recolhimento e na penumbra, á espera de novas guerras, de novos cêrcos, de novas sêdes. E a moura gentilissima, filha talvez de algum dos walis da cidade, escondida ao rés da agua, em alçapão oculto, no terrôr do frankisk sófrego dos cristãos da Frisia e da Flandres, da lascívia cega dos cavaleiros do Templo e da Calatrava.

Ali ficou, no silencio e no isolamento. Ali se conserva, penetrada de amor e de saudade. E porque o seu coração não arrefeceu ainda, e porque a sua alma ainda espera, irmã da agua aprisionada, todas as noites de S. João, ao cantar do galo, ela sai do esconderijo, envolta no seu manto de brocado, e em barca de ebano e marfim, agitando remos de prata, brandos como o luar, percorre tres vezes a cisterna — trauteando, baixinho, a ladainha do seu amor, requerendo, em suspirosas queixas, ao poeta que lhe captivou o coração, o sortilegio que a liberte do encantamento.

A cisterna repercute-lhe as vozes doloridas, em ressonancias de órgão. E as aguas, levemente enrespadas, espreguiçam-se e sorriem.

Recordo a lenda do mouro, que se escondera no seio das muralhas, — e que, do tópo dos baluartes ameados, acena ás lavadeiras que passam para o rio confundindo-as certamente com as agarenas da sua mocidade, saraiando-as a chuva de pedra, lagrimas de desespero, ao vel-as espavoridamente em fuga.

N'isto, num lance inesperado, numa transmutação scenografica de revista de ano, cortado o elo duma curva, Silves alteia-se no meu caminho, arripada de torres e ameias. No repente dramatico da visão, diante do pano decorativo dos seus cubelos arrogantes, recuo aos tempos de Ibn-Maffet, o ultimo wali que os ensanguentou em luta com as mesnadas de D. Afonso I.

A sensação é momentanea, porém. Porque, á esquerda, ao sul, a cidade moderna regorgita da bocarra das muralhas, e branca, e ondulante, galga o declive da colina ao encontro do rio como espuma de cerveja a escorrer de esbotenado cangirão.

O «Fiat» balouça-se, quasi se roça, voluptuosamente, na polpa aveludada do vale que abraça o cerro fortificado—aquele vale a cujas sombras idilicas, perfumadas da flor da laranjeira, o Arade boceja e adormece; aquêlê vale onde dantes desembarcavam as tripulações das frotas de guerra e de comercio, onde hoje não ha agua senão para o banho das gaivotas e a sêde das nespereiras. E metendo ás portas do Faro, põe-nos no centro da cidade—que nem vestígios conserva da opulencia falada da era dos mussulmanos. Percorro-lhe as ruas torcioladas; demoro-me sobre os seus arcos botantes; admiro-lhe as arcaturas da velha Sé, a que os barbaros lusitanos do século XVIII mutilaram a abside gótica, adaptando-a a altar contemporâneo. E só nos restos esfarelados da albarrã mourisca, hoje servindo o Estado desumano como prisão de homens e mulheres; e só sob as abóbadas da cisterna de Almedina, em que a moura espera e suspira, verdadeiramente senti a Silves de Ibn-Ammar —mênos pelas proprias torres, mênos pela propria cisterna, do que pelo prestigio das suas lendas.

Lisboa, dezembro de 1919.



Guilherme II e Napoleão — As caricaturas e o exilado imperial — O que pensam os ingleses e o que desenham os holandeses.

O grande assunto do dia é a extradicação de Guilherme II que se o cedamente vive em Amerongen, num castelo da Holanda, cercado de guardas e aparte do convívio do grande mundo. E' o exílio, o torvo exílio, e assim mete tempo entre a vida e a morte. embora coagido, o que foi o terror da Europa, o espirito belicoso do imperio alemão. Reclamam aliados

a entrega dos culpados da grande guerra e por maior culpado tem o ex-kaiser, que com os seus desmesurados sonhos de ambição queria ser o maior de todos os imperadores, sonhando a Alemanha o maior de todos os imperios. Mas o sonho ruim, tombou, mordeu o pé, e agora os aliados querem o castigo. Reclamam da Holanda a sua entrega e a Holanda parece não estar disposta a faltar aos seus deveres de hospitalidade bizarra e fidalga. Conhece talvez a hospitalidade arabe e com essas maximas se desculpará.

Transigirão os aliados? Parece que sim e que, não podendo, haver ás mãos o senhor da guerra e do morticínio, se contentam em que ele seja enviado para uma longinqua possessão holandesa, as ilhas de Sonda, por exemplo.

Momentoso assunto que prende a atenção universal, todos os jornais se ocupam risonhamente dele, sobressaindo os jornais de caricaturas. Todos porém encontram, para simbolisar o facto, a mesma ideia: a Holanda servindo de boa mãe e protegendo-o ora abrindo o chapéu para se cobrir da chuva das notas diplomáticas, ora

a conchegando-o ás saias para o livrar da furia dos molossos que fóra da porta o esperam e que são a França e a Inglaterra, ora parlamentando com os tres conselheiros supremos, vendo-se o duro rosto de Clemenceau e Lloyd George com cara de poucos amigos, emquanto o ex-kaiser e o ex-kronprinz, medrosamente se encolhem. São sínteses estas paginas e melhor dizem da situação do que toda a prosa que se pudesse escrever. Entretanto o tempo passa, o mundo rola, e só o futuro poderá decidir se o ex-kaiser trocará o socegado castelo holandês pela possessão longinqua, tendo como Napoleão a sua ilha e o seu desterro, se ficará gosando as rendas na simpática, trabalhadora e hospitaleira Holanda, a algumas horas de ca-



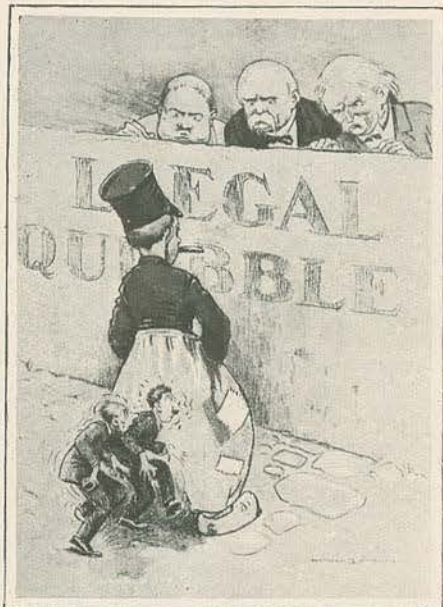
O ferrete de Caím...
O kaiser amarrado ao monumento aos mortos na guerra.
De «The Bystander», de Londres



Pobre Holanda (Desenho holandês)
Do Nash's Illustrated Weekly, de Londres



Salva-me mãe, mais uma vês...
De The Passing Show, de Londres



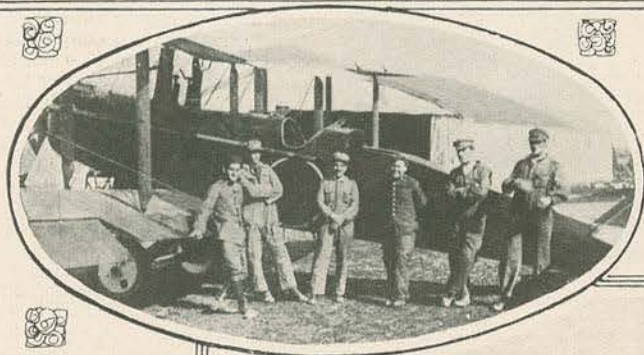
Serão capazes de saltar o muro?
(De *The Bystander*, de Londres)

minho do palco onde exibiu a sua megalomania, essa Alemanha grandiosa que ele arrastou para o abismo e fêz chafurdar no atoleiro da lama e da ruína...

Quiz o Destino irmanar o ex-kaiser ao grande Napoleão concedendo-lhe, como áquele, a sua ilha? Talvez. Mas quizesse ou não, essa ideia é a única que será grata á vaidade exagerada do criminoso que ensanguentou o Mundo. Mas será ao mesmo tempo tambem o patíbulo onde o carrasco Remorso todos os dias lhe levará o socego e a paz da consciencia. Que só faltava que o causador da hecatombe universal pudesse ter como qualquer burguês inofensivo dias serenos e risinhos na paz bucolica de uma ilha encantadora...



O Director do "El Figaro", em Lisboa



por vezes a elevar-se a 5.700 metros. D. Carlos Ibero veiu fazer a aproximação literaria espano-portuguesa e fazia-se acompanhar pelos primeiros exemplares do seu jornal do dia da partida. Demorou-se apenas tres dias entre nós, tendo regressado á capital espanhola no mesmo aeroplano, que era pilotado pelo tenente aviador francês Luiz Pierre de Carvalho, ainda descendente do Marquês de Pombal.

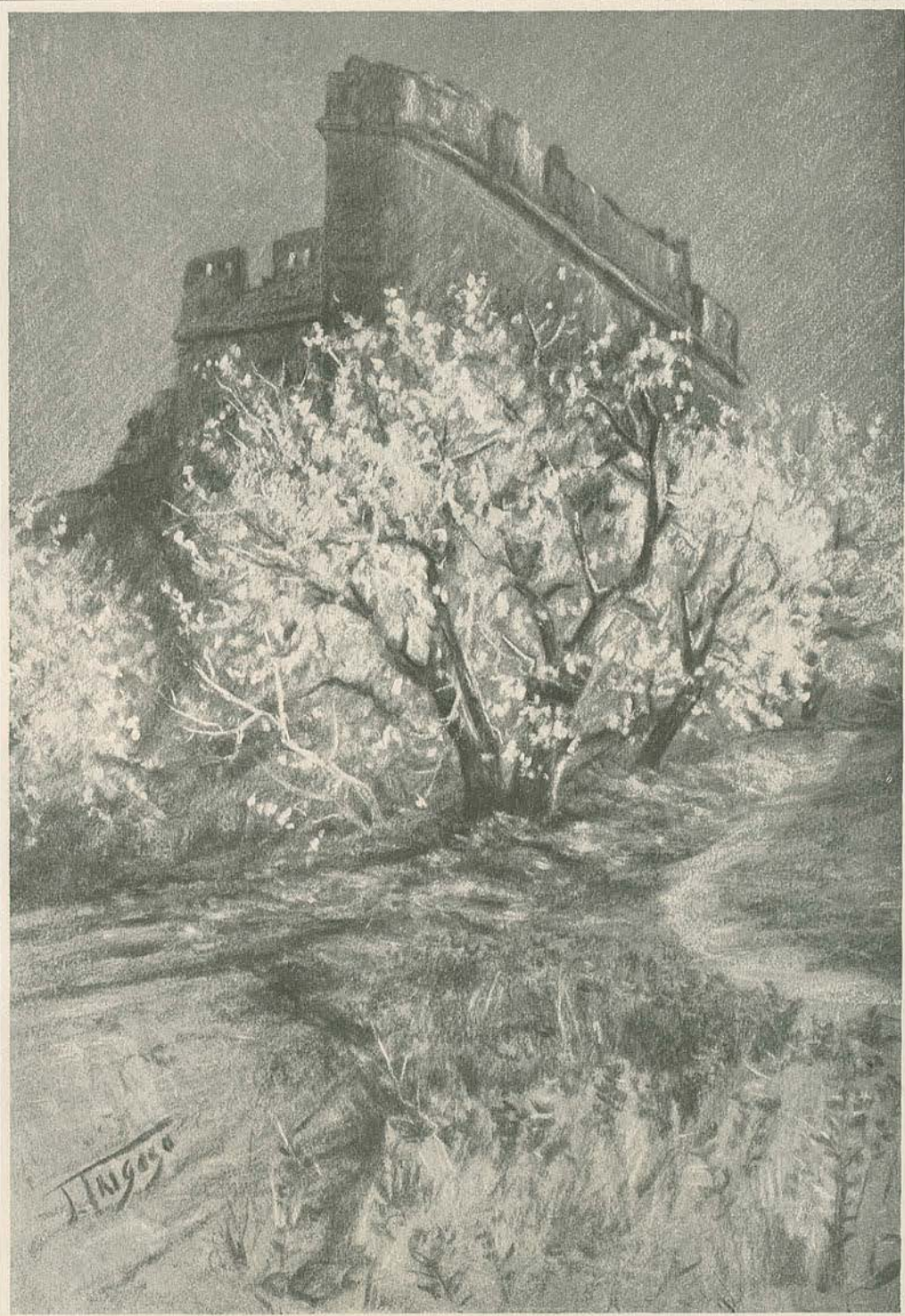
O avião em que veiu de Madrid o director de *El Figaro*.

O sr. D. Carlos Ibero, director do «El Figaro» de Madrid, veiu d'aquella capital em aeroplano, aterrando no campo de aviação da Amadora. Durou a viagem tres horas e meia e o primeiro solo português que o aeroplano pisonou foi Alverca, onde era esperado por D. Luciano Taxonera, redator do «El Figaro» e pelo major Ribeiro d'Almeida.

Foi uma viagem interessante, chegando o aparelho



D. Carlos Ibañez de Ibero, director de *El Figaro*, e o tenente-aviador francês Luiz Pierre de Carvalho.
Clichés Seira Ribeiro)



AMENDEIRA FLORIDA

Inédito de Falcão Trigoso, o artista que ainda ha pouco tantos louvores ouviu da critica pela sua exposição de pintura, de motivos algarvios.

VIDA ARTISTICA

AS EXPOSIÇÕES

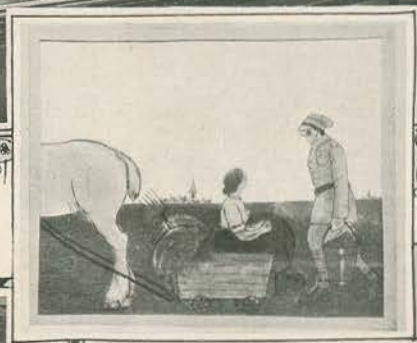
Alberto Souza, Menezes Ferreira
e o Panneau de Jorge Colaço



1 — Alberto de Souza, 2 — Aspecto da exposição do mesmo, no Museu do Carmo, 3 — Rua de Santa Maria (Guimarães), 4 — Fonte de S. Sebastião (Sé) Porto. Aguarelas de Alberto de Souza.

Nada menos de duas exposições e uma verdadeira

Menezes Ferreira, 2 — Aspecto da exposição do mesmo, no Salão Bobone, 3 — «Idílio na Flândres».



«Idílio na Flândres», por Menezes Ferreira.

obra de arte em azulejos esta semana. As exposições foram de Alberto Souza, aguarelas feitas no Norte, piegas de cor, soberbas de execução, e a do capitão Menezes Ferreira, de assuntos militares, pois que ele foi um dos nossos combatentes em Africa e em França.

A de Alberto Souza efectuou-se no historico edificio do Carmo, onde é o Museu e a Associação dos Arqueologos, e a de Menezes Ferreira no Salão Bobone, casa preferida pelos nossos artistas pelas suas dimensões aconchegadas e pela sua situação no coração da cidade. Ambas encerram valiosos trabalhos e ambas são ponto obrigatorio da visita dos artistas e de quem por coisas d'arte se interessa,



Jorge Colaço

«Panneau» de azulejos



de Jorge Colaço

porque mostram dois temperamentos diferentes e dois aspectos diversos da arte nacional. O «panneau» de azulejos que Jorge Colaço expoz em sua casa é um interessante assunto português. Foi adquirido pelo sr. D. Luiz de Miranda, ministro de Cuba, que o projecta oferecer, como recordação de Portugal, ao Presidente da Republica que entre nós representa.



«Idílio na Flândres», por Menezes Ferreira, desenhado para a Illustração Portuguesa

Atualidades



O alferes Rui Ribeiro com sua irmã e o representante do governo.

Ardeu um barracão em S.^{ta} Apolonia e morreu a Gaby Deslys. Ainda ultimamente publicámos o seu retrato e mal calculámos que a atriz, tão apreciada pela aura escandalosa que a cercava, estivesse tão próxima da morte. O alferes Camara Pestana suicidou-



O barracão incendiado em Santa Apolonia. 2 A carreta conduzindo o corpo do alferes Camara Pestana.



Nunes», ocorrido na Mancha. Os cadáveres vieram de França, saindo o prestito funebre do Posto da Desinfeção para os Prazeres. De tudo o leitor encontrará aspectos graficos muito mais expressivos do que o que lhe poderíamos dizer em linhas e linhas de prosa.



1. O funeral do alferes Camara Pestana.—2. Aspecto do funeral dos naufragos do Dois Nunes. 3. O funeral passando na rua da Prata.—(Clichés Serra Ribeiro).

se por causa de uma «coupletista» hespanhola. O seu funeral foi uma imponente manifestação de pesar, porque o malgrado official, filho do coronel do mesmo nome, ex-camondante da policia; era estimadissimo. Tambem uma imponente manifestação foi o funeral dos naufragos do lugre «Os Dois



Gaby Deslys. (Croniqueiros de Bouet. Do Sourire de France).



Elegancia Masculina

OS ELEGANTES DE HONTEM E DE HOJE

A elegancia está mais do que nunca nas exigencias da nossa terra e da nossa gente. Ser elegante é hoje, entre nós, uma preocupação maior do que a de comer bem e viver bem. Nunca um fato custou tão caro, mas também nunca — e talvez por isso — assediou tanto o espirito da «jeunesse dorée» da nossa terra o desejo de ser o primeiro entre os primeiros no habito de vestir bem.

Ha quem afirme que se pode ser elegante por pouco dinheiro, usando fatos que não custem fortunas. Mas a verdade é que o ditado não mente, quando afirma que quem se veste de ruim pano se veste duas vezes no ano. Vale mais, por isso, comprar um só, com tanta mais razão quanto é certo que o habito faz o monge e que um fato bem feito, de bom pano inglês, equivale a um indiscutível atestado de nobresa e de bom gosto, qualidades essas essenciaes para triunfar na vida.

Brummell e Byron imponham-se, mais do que pelo seu talento, pelos fatos que vestiam e pela maneira como os vestiam. O primeiro foi o arbitro da elegancia no seu tempo, chegando a causar inveja ao proprio Jorge IV, que, despeitado, lhe retirou a sua amisade. Em França, Alfredo de Musset, a quem Auguste Prévaut alcunhou de «Mu-

Brummell — Lord Byron e o conde de Farrobo — Algibeles e alfaiates — A nova Lisboa e os seus estabelecimentos.

mas também á elegancia no vestir, sendo, talvez, aquele que melhor soube reflectir na sua terra o tão celebrado dandysmo inglês.

demoiselle Byron», não deu apenas o seu successo ás o bras primas dos seus versos, de um tão estranho e candido lirismo,

Entre nós também houve elegantes em quem ainda hoje se falla, sendo dos mais notaveis o conde de Farrobo e Garrett, que punha no vestuario um cuidado e uma atenção iguais aos que dedicava ás suas obras literarias e aos discursos politicos.

De facto, o autor das «Viagens na minha terra» impressionava-se tanto e meditava tão profundamente diante do espelho, como diante de uma folha de papel ao escrever os seus livros, correndo muitas anedoctas ácerca do rigor com que o poeta e romancista illustre cuidava do seu vestuario.

Hoje, outros se apontam, como dando a nota nos salões, tendo aprendido nos grandes centros europeus, na convivencia com os «dandys» de todo o mundo, as maneiras nobres de vestir e de tratar.

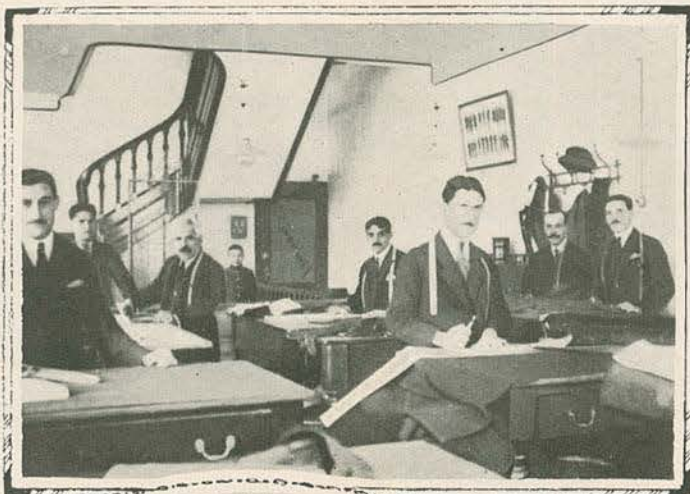
Muitos desses nossos elegantes vestem-se fora do país, comprando os seus fatos nas alfaiatarias mais celebres de Paris e de Londres. Em grande parte deveram a isso o



LISBOA NOVA
As modernas instalações da casa J. Nunes Correla & C.ª L. da Rua Augusta.

seu ex'to.
Mas Lisboa civilisou-se, vindo atraídos dos melhores centros os melhores alfaiates, atraídos pelo desejo, sobejamente manifestado, que os portugueses teem de se vestir bem.

A brem-se estas abelecimentos luxuosos, outros aformos e iam-se, procuram-se os pontos



Ainda recentemente se instalou magnificamente na rua Augusta a mais elegante alfaiataria lisboeta, de fama assegurada, que durante largos anos esteve ao fim da rua Nova do Almada — a alfaiataria Nunes Correia.

E' o progresso em marcha; é a imposição dos tempos que vão correndo, tempos de dinheiro e de elegancia, exigindo aos que sabem e querem triunfar que sejam sempre os melhores e os primeiros.



mais centrais e dão-se aos fregueses todas as comodidades e todas as garantias.



Aspectos das officinas e instalações da casa Nunes Correia na Rua Augusta.

(Clichés Serra Ribeiro).



DOENÇAS DE PEITO

TOSSA, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçãdas na ilharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA
DO CORPO MEDICO FRANÇEZ,
EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
15, rue de Rome, PARIS



Incomodine

Grande e unico especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normalisa rapidamente a menstruação. Caixa (dose regular), com instruções em portuguez, 3\$00; pelo correio, registado e occulto, mais 100 réis. Deposito no sul: *Farmacia J. Nobre, Rocio, 109 e 110, Lisboa.* No norte: *Porto: Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44.* Em *Coimbra: Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 34.* Em *Braga: Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal.*

DOENTES

A Moderna Therapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR as doenças de qualquer orgão: estomago, intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinaarias, respiratorias e circulatorias; hemorrhoidal, doenças da nutrição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irritativas *por graves e antigas que sejam:* assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui pelas numerosas curas que tenho realisado.

Os que sozrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados *me responsabilizo.*
Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio *Psico-magnetoterápico.* T. C. João Goncalves, 30, 2.º E., ao Intendente.

Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, E.
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central. — No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudente, 66.

Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

pezos ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que depose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto.**

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.
Franquear cartas para resposta segura.

Instituto Anglo-Francez de Beleza

Rua Anchieta, 21, 1.º, LISBOA (Ao Chiado)

(FUNDADO EM 1903)



Pêlos do rosto. Cura radical, sem dor nem vestigios pela Electrolyse, processo infalivel do Dr. Hinson, Nada de depilatorios, **Unico** consultorio d'esta especialidade.

Rugas, manchas, sinais, verrugas, pontos pretos, impingens, sinais das bexigas, cicatrizes, tiram-se

com rapidez pelos processos mais modernos. — **SEIOS:** Desenvolvimento e enrijamento ou redução, por um processo completamente novo. Resultados seguros depois d'alguns dias de tratamento. — **CABELO:** Tratamentos cientificos para fazel-o crescer e impedir a queda. Cura da calvicie. — **MAÇAGENS MEDICAS:** Tratamentos especiaes para a redução de qualquer parte do corpo. — **CURA CERTA DA OBESIDADE:** Tratamento completamente inofensivo para a saude. — **MAGREZA:** Tratamentos eficazes por processos cientificos. — **MANICURE:** Tratamento das unhas e das mãos. — **TINTURAS** para o cabelo em todas as cores, dos melhores fabricantes. — **PRODUTOS DE BELEZA** de toda a contiança e de resultados seguros. Todos estes tratamentos podem-se fazer em casa pela propria pessoa por meio dos nossos aparelhos e productos. Escrevei-nos o tratamento que desejaes, mandando uma estampilha de 40 réis e responder-lhes-hemos pela volta do correio.

Mr. et M.^{me} Hilton, Directores, Especialistas diplomados pelos melhores Institutos de Paris e Londres.

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA



Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	360,000\$00
Obrigações.....	288,630\$00
Fundos de reserva e amortização.....	360,000\$00
Escudos.....	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobrelrinho (Tonar), Penedo e Casal de Hermio (Louza) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:* LISBOA, 270, rua da Princesa, 276, PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — *Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:* — *Companhia Prado.* — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117.

Creme Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ

Preparado de pureza garantida. Frasco: 4\$000 rs., 2\$500, 2\$000, 1\$500 e 800 rs. Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.º. Telefone 4.359 centr.

Este homem conhece vosso

passado, presente e futuro

O seu poder maravilhoso surprehende todos aqueles que o consultam e que tem beneficiado dos seus conselhos.

Se V. Ex.ª deseja conhecer a sua vida e receber GRATUITAMENTE uma Leitura de Ensaio, queira enviar: o seu endereço, data de nascimento (dia, mez e ano) escripto bem ligivelmente pela propria mão de V. Ex.ª) ao *Professor POZZO, Rua de Seine N.º 12. Paris. França.*



Os pedidos devem ser acompanhados de 20 centavos em sellos, para gastos de correio e de escriptorio, mas roga-se a fineza de não enviar dinheiro em moeda dentro do sobrescrito.

PELOS DO ROSTO



Extraem-se radicalmente com o uso do científico preparado o OSODRAC. O grande consumo diario em Portugal, Brazil e co-



lonias tem-o tornado universalmente conhecido e o mais preferido pelas suas qualidades de extração inofensiva, sobre todos os seus similares. Garante-se a sua eficacia com a restituição da quantia. Frasco 1\$000 réis, correio 1\$100. Deposito geral: F. Cardoso, Rua Alvaro Coutinho, 33 — LISBOA, e Drogaria Silva, Rua da Palma, 7; Rua do Bom Jardim, 284 — PORTO; Drogaria Portuguesa, Rua de João Tavira, 11 — FUNCHAL.



Coroas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
Rua Chiado - Telef. 3270



MARCA REGISTRADA.

OS pneus Dunlop já eram os primeiros em 1888 e ainda continuam sendo os melhores.

Os pneus Dunlop podem obter-se nas garages principaes em todo o Portugal.

Dunlop

A. F. BARDINE,
32, Avenida da Republica
LISBOA

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Límít.ª

Director: AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

A feira da Europa



— *Passemos adiante, que este feirante é perigoso.*



PALESTRA AMENA

Regulamentação do jogo

Proibições de importação

Não está completamente resolvida a crise financeira, mas vai em bom caminho para tal, isto é, as boas vontades de quem tem o dever de a resolver são manifestas. Com esta providencia de não deixar entrar no paiz varios produtos estrangeiros, alguma coisa se conseguirá — dizemo-lo sem ironia — o ponto é o publico secundar as intenções do legislador, que são o evitar que o ouro saia do paiz, e não desatar a manda-lo para fóra por outra via que não a do pagamento dos objectos importados.

Comtudo, algumas observações teriamos a fazer ácerca de tais providencias, porque a nossa missão consiste em fazer observações, boas ou más, isto é, em levantar discussões a fim de que a luz apareça, quanto mais clara melhor. A principal d'essas observações é: não está completa, não é suficientemente extensa a lista dos artigos de importação proibida; muitos outros continuarão a vir de paizes estrangeiros, sem as menores peias e de pernicioso efeito, se não para a economia nacional, para a integridade do juizo nacional, o que tambem é de ponderar.

De França, para não irmos mais longe. Se fossemos ministros — do que Deus Nosso Senhor e todos os Santos da Córte dos Ceus nos livrem! — consultariamos a estatística da exportação francesa e imediatamente nos saltariam aos olhos dois produtos de que fazemos largo consumo: as crianças e os galicismos.

Quanto ao primeiro d'estes productos, deixariamos que, como até agora,

continuasse a entrar no paiz, por uma questão de moralidade, que não porque tenhamos que dar de comer a tanta gente; não poriamos, pois, impedimento á importação dos petizes, mas fariamos algumas restrições, das quais a principal, seria obrigar os importadores a um termo de fiança em que se responsabilissem pela boa conservação, desenvolvimento, educação, etc. dos objectos importados. Agora quanto ao galicismo, proibição absoluta de importação, com penalidades severissimas para os contrabandistas, a escaldalos, de modo a tirar-lhes todo o desejo e toda a possibilidade de reincidencia. Quem quizesse meter no paiz um *férrico*, por exemplo, seria implacavelmente condenado a levar uma roda de pontapés em sitio apropriado e em publico, assim como quem chamasse *ligeira* a uma senhora em vez de lhe chamar *leviana*, quem escrevesse, como se vê nas estações dos caminhos de ferro, sobre a chegada dos comboios que *tem logar*, a querer significar que se realisa qualquer coisa, etc., etc.

N'esta ordem de idéas está o leitor a ver que a lista a acrescentar á lista oficial seria interminavel. Como galicismo, ha muitas outras asneiras que constantemente nos chegam de fóra e medram escandalosamente cá dentro, como o escalracho, contribuindo para nos empobrecer moralmente; não as citamos porque o *Seculo Comico*, nem que as suas dimensões fossm mil vezes superiores ás que são, chegaria para contelas e porque as maçadas estão tambem proibidas, mesmo as internas.

J. Neutral.

Final de contas, o que falta para que o jogo seja regulamentado, não é a boa vontade geral, pois que, ao que parece todos estão d'acordo n'esse ponto: o que falta é apenas o regulamento. Pois então aí vae ele:

Artigo 1.º — Não poderá entrar em nenhuma casa de jogo, quanto a pessoas do sexo masculino, senão as que derem provas de honestidade absoluta.

Artigo 2.º — Quanto ás do sexo feminino, só poderão frequentar as casas de jogo as mulheres feias e velhas.

Artigo 3.º — Todo o parceiro que per-



der ao jogo apanhará uma sova da autoridade, proporcional á quantia perdida.

Artigo 4.º — Todo o parceiro que ganhar apanhará sova dupla da que apanharia se perdesse.

Artigo 5.º — Cada jogador, do sexo masculino ou feminino, é obrigado a trazer pendurado ao pescoço, por fóra do fato, de maneira que se leia bem, o seguinte leitreiro: *Batoteiro*.

Posto isto em pratica, a moralidade retomaria o seu antigo logar.

PARA PAGAR A DIVIDA

Dizem os jornais—mas para cá veem de carrinho—que em Inglaterra os particulares resolveram dar ao Estado todo o ouro que possuem, para ajudarem ao pagamento da divida publica.

acusou. Em todo o caso, cremos que não ha portuguez que não esteja disposto a fazer alguns sacrificios para endireitar as finanças, bastando o nosso apelo, que aqui deixamos registado,

como diz a sabedoria das nações, pelo que: ha por aí alguns trapos ou ossos que se possam ceder ao governo?

O sr. ministro das Finanças, ao que nos consta, aceita e agradece seja o



E' claro, que se trata d'um balão de ensaio, a ver se pegam as bichas, porquanto, pelo que nos diz respeito, em nada contribuímos para os 116 mil contos de *deficit* que o ultimo orçamento

para que dentro em pouco á porta do ministerio das Finanças se forme uma bicha de todos os cidadãos que possam dispensar coisa que não lhes faça falta; muitos poucos fazem muito,

que fôr: uma bota velha, um botão de ceroula, uma ponta de cigarro, um prego ferrugento, etc. tudo serve para fazer dinheiro.

Vá! não se façam sovinas!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indultrada amétade:

Iscrevotte aindas munto inxado pella rezão da Ispransa lres me ter ofersido a resita de despedida. Nem mais nem menos: oferseua ós critegos i cumo eu, a bem dezer, cou o unico critego a valer cá da terrinha, foi a mim que ella a oferseu. A' dias tinha ofersido oitra ós artistas darmaticos, pello que ce vê ca tal Ispransa é danada pra oferseu, mas já ce çabe a respêto de arre-seber as maças isso tó caroço. Tamem us çulegas a quem ella oferseu a tal receta nan pudiam cer mais indelicados nu agardesimento: deramle um alvo cum a acinatura de toudos us artistas du triato da Grassa i de mais alguns faltando có as acinaturas da sr.^a Lusinda Simões i da sr.^a Palmira Bastos, nan pur nan çaberem iscrever, cumo ce pudia sepôr á primêra vista, mas purque istavam cum uma unha incravada nus peses. Tadinhas! Canto ós critegos nan le oferseu alvo ninhum mas cim ó que me dizem um almosso a que nan pude acistir purque cumo çabes tanho as botas rotas i nan me xega a maça pra ir ás iscas canto mais pra pagar comes i bebes a quem tem munto mais ca mim. Nan cei ce foi pur cosa d'este meu prusedimento nan quis ella ir a Pêras Ruivas cunforme eu te tinha iscrevido mas nan tem duvida que largos dias tem sem anus i ella aindas cá áde voltar ce deus quixer i acuntessele cum a Vitaliana ca cabou pur ir arrepresintar a Paio Pires i intão Pêras Ruivas nan é menos antes pelo cuntrairo.

Ós pois voute agora dezer duas palavras a respêto da *Pas in tempo de guerra* que vem a cer u ceguinte: u Judisebus casou cum a Laura Isca i teve 4 filhas toudas casadoiras; ás 10 oras da manhã aparesem noivos prás 3, á tarde resolvem casar i a 4.^a que já tinha cido ispremitada pur um ofisial de cavalaria fasce fina mas acaba pur tamem casar cum ele. Axas impocivle? Pois nan tens nada caxar purque toudos us noivos ção melitares que istavam á munto na guerra, pur oitra, privados du bello secho i pur ço acim que viram mulheres arribitararam as ourelhas i caíram que foi um regalo. U mêmo faria eu que sou acim cum toudo u respêto i amizade teu inselfente marido i ubrigado

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

Nós e Marte

Os miolos dos sabios da Terra acham-se quasi em estado liquido pelas cogitações a que os donos se teem entregado a fim de esclarecerem a origem de certas ondas magneticas, ou coisa parecida, que os aparelhos de



EM FOCO

Alberto de Sousa

*Que lindos quadros! que formosas têlas!
Que perfeição de linhas e de cores!
Que tons! que perspectivas! que primores!
Que vida e luz! que frescas aguarelas!*

*Que prodigios nas scenas mais singelas!
Que assuntos! Como são encantadores!
É mestre e mais que mestre entre os pintores
Quem pinta coisas d'este modo, belas!*

*Julgais que eu exagero e sou suspeito?
Pois hei-de dizer mais! E se com isto
Por agora me dou por satisfeito,*

*Se fico por aqui, se não insisto
Ácerca de trabalho tão perfeito...
Pois bem!... é por ainda o não ter visto!..*

BELMIRO.

Torre de Chifre

Ecos da guerra

Ainda os ecos da guerra
Resoam pelas montanhas
Em repercussões tamanhas
Que nos fazem meditar;
Ainda ha casas fumegantes,
Ainda ha muitas ruínas
E minas submarinas
Por sobre as aguas do mar.

Quantas crianças sem pais,
Quantas viúvas sem maridos,
Quantos ais esquecidos
Nos campos belicos da França
Tão cedo não se apagará
Os fogos d'essa fogueira
Por mais que o mundo queira
Esquecer-se da matança!

O canhão sobre Paris
Disparou centos de balas;
Como hão-de olvida-las
Os francezes infelizes?
E a fome, e a peste cruel,
E a miseria nos lares
E os horrores aos pares
Que houve n'outros paizes!

Avante, avante Inglaterra,
Na tua santa missão!
Lembra-te de Napoleão,
Prisioneiro e inermes.
Impõe-te rapidamente,
Com a maior veemencia
E julga sem clemencia
O reu, o culpado, Guilherme!

Antonio F. S. Teles.

observação accusam, sem que tenham sido previamente anunciadas.

A opinião mais corrente é de que tais ondas partem do planeta Marte, onde os marcianos estão fazendo sinais para o nosso planeta—e é essa a opinião que tambem seguimos. E ainda lhes dizemos mais: graças ao nosso aturado estudo e a um telescópio da



nossa invenção, estamos habilitados a decifrar algumas das comunicações dos nossos vizinhos inter-solares.

Até agora, temos registado, pelo alfabeto marciano, o seguinte:

«Marte, 18, ás 15 e 35.—Habitantes humanos Terra dever ser estupidissimos. Fazemos sinais ha 3:000 anos e nada. Arre, que são brutos!»

«Marte, 19, ás 13 e 12.—Que diabo de animais bipedes serão os que vemos na Terra, que todas as noites despem a pele e a vestem de manhã? Que estupidos!»

«Marte, 28, ás 3 e 31—Decididamente a Terra não é habitada por seres inteligentes. Tem só animais inferiores. Os tais bipedes estão-se matando uns aos outros. Não são homens.»

Sermão de cinzas



O *pré*gador, impaciente, por *pré*gar todos os anos a mesma coisa, inutilmente:
—Se não se querem lembrar de que são pó, lembrem-se, ao menos, de que todos são por-
tuguêses!